

Humor de Sarney se altera com pesquisa

ROBERTO GODOY

O dia 14 amanheceu quente e nublado em Brasília, uma cidade de onde milhares de forasteiros residentes tentavam sair depressa às vésperas do segundo turno da eleição, viajando para votar nos seus Estados de origem. Por volta das 9 horas, entretanto, brilhava o sol no gabinete do presidente José Sarney, no Palácio do Planalto: reunidos diante de uma pesquisa analisada pelo Serviço Nacional de Informações, Sarney e o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, acompanhados por dois ou três outros assessores, tomavam conhecimento da mais recente tendência do eleitorado — Lula na cabeça, com uma pequena vantagem sobre Collor de Mello. O presidente, usando seus óculos de leitura, abriu um largo sorriso.

A pauta desse encontro matinal rotineiro entre os integrantes do primeiro escalão do Planalto não se esgotou na meia hora de hábito. O segundo compromisso da agenda, com o chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denis, acabou se emendando com o primeiro, e finalmente com o terceiro, durante o qual seria feito o despacho do expediente do dia com o chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto — provavelmente o último antes de seu afastamento para assumir uma vaga de conselheiro no Tribunal de Contas do Distrito Federal.

Sarney estava interessado em detalhes. Queria conhecer a metodologia aplicada no levantamento e assegurar-se de que a diferença média variável de 1% a 3% em favor de Luiz Inácio Lula da Silva revelava uma disposição de voto, e não apenas mera inclinação — a distinção, para políticos e especialistas, é fundamental. Não foi possível, na-

quele momento, fixar esse ponto. Parlamentares que estiveram no gabinete pouco depois foram informados da nova situação — alguns pelo próprio presidente — e puderam notar a descontração no ambiente.

No dia seguinte, 15, ao embarcar para o Maranhão, depois de ter assistido ao último debate entre Lula e Collor transmitido em cadeia nacional pela televisão, o presidente Sarney estava mais contido. Durante o voo, ocupou-se em ouvir os detalhes do lançamento do foguete SBAT-152, cujo disparo, poucas horas mais tarde, deveria marcar o desenvolvimento da base de atividades espaciais de Alcântara.

A questão política só voltou a ser discutida quando, já em São Luís e se preparando para a inauguração do terminal pesqueiro local, Sarney recebeu duas informações: a de que a pesquisa do dia anterior não considerara de maneira conclusiva, a Região Norte do País; e a de que Collor, depois do debate, voltava a crescer nas intenções de voto do eleitorado. De sua casa ele pediria, em seguida, um quadro mais detalhado.

No sábado 16, por volta das 9h30 o relatório de situação, como é conhecido o documento produzido pelo SNI diariamente, reproduzia os dados de uma pesquisa de alta amostragem encomendada por alguns empresários paulistas em caráter confidencial a um dos grandes institutos de opinião. Fernando Collor de Mello surgia 4% à frente de Luiz Inácio Lula da Silva na média nacional e em alguns pontos importantes, registrava até 7% sobre o adversário petista. Fazia sol em São Luís mas o presidente mandou fechar as cortinas de seu escritório. E sombreou o ambiente.